

# EDITORIAL

## O realismo em nossa vida

**S**e tomarmos por base Raymond Williams e o *Diccionario da lingua portugueza*, o realismo na sua acepção anti-idealista é uma palavra do século XIX: passou a ser usada na França desde 1830, na Inglaterra a partir de 1850; e o primeiro registro no léxico de Antônio de Morais Silva data da edição de 1858. Desde então o próprio conceito, bem como sua aplicação literária ou crítica, teve seus altos e baixos, encarou contradições, envolveu polêmicas, prestou-se à designação de uma escola literária e conseguiu sobreviver a ela, ainda que muita vez tenha sido e continue a ser visto com desconfiança, como se fosse um bufão mentiroso ou um ardil sutilmente armado para apanhar incautos. Em um artigo inédito no Brasil e aqui agora publicado, o crítico inglês Ian Watt refere-se ironicamente a essas controvérsias como “desgastadas” ou “deterioradas”. O termo em inglês, “*fly-blown*”, sugere algo que foi deixado tanto tempo exposto que atraiu as moscas, serviu como matéria para que elas ali depositassem seus ovos – e possivelmente já vem sendo devorado pelas larvas que deles eclodiram. Estaríamos correndo o risco de trazer à luz, portanto, algo que, ao pé da letra, está virtualmente “bichado”? Se o perigo tem algum fundamento, as medidas para que não incorramos nele parecem bastante convincentes. No mesmo artigo, Watt mostra, por exemplo, que o velho e bom realismo como método geral de representação da realidade e como postura crítica está em excelente forma, sim senhor. Refletindo sobre seu aspecto mais amplo – isto é, não só ultrapassando por um lado a ideia da obra de arte como “espelho fiel” da sociedade e, por outro, o alcance de determinada escola literária oitocentista, mas também oferecendo a possibilidade de fixarmos melhor tanto este quanto aquele aspecto em sua especificidade e dinamismo históricos –, Watt defende uma crítica realista e uma atitude realista para com a literatura e as artes em geral como a melhor maneira de compreender a relação intrínseca entre arte e vida. Em outras palavras, ele enfatiza a necessidade de não esquecermos o fato primordial de que a literatura cobre um “vasto raio de ações e sentimentos humanos, de coisas lembradas e imaginadas” (se quisermos, na formulação de Antonio

Candido: “os elementos humanos formalmente elaborados”), fato esse que lhe outorga a faculdade “de ampliar nossas afinidades imaginativas”.

Watt solicita, assim, uma visão ampla do realismo. Sua abordagem metodológica, cujos frutos germinaram no solo da crítica prática e do empirismo ingleses, da estilística de Auerbach, do pensamento marxista, das teses de Max Weber, Lukács, Adorno e Merleau-Ponty, pode ser empregada para examinar obras e autores tanto anteriores ao século XIX, quanto bem adentrados nas vanguardas do século XX – e isso sem contar outras formas artísticas, como o teatro, por exemplo. Esse ponto de vista combina com a perspectiva abrangente que norteou nossas discussões sobre o realismo e com o prisma teórico que nos ajudou a escolher os textos deste número e de seu precedente, ou seja, conforme observamos no editorial do número 13, no fundo combina com nosso interesse por apresentar a teoria e o exame das formas que buscaram e buscam representar a realidade social em andamento.

Com 11 artigos, de um total de 14, voltados ao exame de obras do século XX e XXI, este número inverte a tendência ligeiramente mais acentuada na direção do século XIX, que havia na edição anterior. O volume abre com um artigo de Ismail Xavier sobre o cinema documentário, focando em *Ônibus 174*, de José Padilha, além dos filmes de Eduardo Coutinho, para explorar os ajustes entre os procedimentos específicos do cinema e aquelas estratégias que a sétima arte tem em comum com outras formas de discurso, como o teatro e o romance. Já o texto de Jean-Claude Bernardet, inserido na seção Rodapé, parte de um objeto e de uma proposta semelhantes (o cinema documentário e suas ligações com o romance), mas com direção e natureza muito diferentes (trata-se, afinal, de comentários escritos para um blog); ao mostrar a tensão entre os procedimentos narrativos que visam retratar a vida como ela é e aqueles que procuram romper com esse padrão, Bernardet faz uma interessante interpretação de *Jogo de cena*, de Eduardo Coutinho, visto como o *Ulysses* do filme documentário.

O olhar para o século XX, embora buscando os nexos históricos e formais com o passado, prossegue com o artigo de Fábio de Souza Andrade, que, ao investigar o realismo que pode existir no teatro de Beckett, busca suas relações inusitadas com o “vago realismo” da tragédia *Electra*, de Eurípides. O jogo do contemporâneo com a obra antiga é empreendido também (naturalmente por outra via) por Gregório F. Dantas, que faz um cotejo entre o romance *Pedro e Paula*, do português Helder Macedo, e sua alardeada intertextualidade com *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. Regina Pontieri aborda duas ficções curtas, “A marca na parede”, de Virginia Woolf, e a recente “Célula de identidade”, de Bruno Zeni, observando como cada um desses textos, calcados no modo de hipertrofia da subjetividade, guarda na própria forma diferenças fundamentais que evidenciam etapas distintas de “instalação da barbárie”.

As questões sobre identidade e subjetividade, bem como o exame da atual produção literária brasileira, retornam no artigo de Cristiane de Oliveira Fernandes Garcia sobre uma ficção curta de Modesto Carone. Na linha de pesquisa dos autores medianos, que mesmo assim revelam, na concepção de Antonio Candido, viva importância no estabelecimento do sistema simbólico de comunicação

inter-humana, Bianca Ribeiro investiga os romances *Éramos seis* e *Gina*, de Maria José Dupré. Simone Rossinetti Rufinoni, por sua vez, elabora, com base em dois romances de Cornélio Penna, uma análise que faz enxergar sob um ângulo novo a imbricação entre as concepções de realismo e introspecção. E Irenísia Torres de Oliveira toma como ponto de partida o realismo pela chave da sátira para debruçar-se sobre o romance *Recordações do escrivão Isaias Caminha*.

O século XIX comparece nos estudos de Daniel Puglia, que avalia o “realismo utópico” nos grandes painéis da vida humana de Dickens; na análise de *Au bonheur des dames*, em que Salete de Almeida Cara procura perceber como o modo de mercantilização da vida surge transfigurado nesse romance de Zola; e ainda na pesquisa histórica de Ana Paula Freitas de Andrade, que trata dos fundamentos do verismo italiano, compreendido sobretudo por intermédio de seu maior expoente, o escritor Giovanni Verga. O século XX volta na discussão de Sandra Guardini T. Vasconcelos, que explica as bases teóricas de *A ascensão do romance*, de Ian Watt, principalmente o diálogo com a crítica prática inglesa e as conexões com *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer. Esse processo de formação também é explicitado, pela via autobiográfica e analítica, no artigo supracitado de Ian Watt, incluído na seção Rodapé.

O número se encerra com uma tradução inédita de *Improviso de Ohio* (*Ohio Impromptu*), de Samuel Beckett, peça escrita a pedido do crítico S. E. Gontarski para um simpósio internacional sobre o dramaturgo ocorrido na Ohio State University, e com as ficções curtas de Airton Paschoa, que devem figurar no próximo livro do autor: nelas a vida dos pinguins serve de contraponto irônico e sutil comentário zoomórfico para a azáfama humana em tempos sombrios.

COMISSÃO EDITORIAL